

Educação Física em creche: uma reflexão na perspectiva da teoria eliasiana



Sally Ataíde Miguel¹
Gláucio Campos Gomes de Matos²
Rita Maria dos Santos Puga Barbosa³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo fazer uma reflexão das práticas pedagógicas da Educação Física escolar na Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes, entendendo as relações de interdependências entre a criança e o adulto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com trabalho de campo, de abordagem qualitativa. Sob a luz da teoria do processo civilizador de Norbert Elias, buscamos identificar as contribuições da Educação Física infantil que incide no moldar das condutas e comportamentos para a inserção social do indivíduo. Apropriamos-nos de jogos psicomotores e as regras sociais como mecanismo que contribui nesse processo, entendendo que é atribuído à escola o papel de regular o comportamento infantil para vida coletiva.

Palavras-chave: Educação Física. Criança. Processo Civilizador. Creche.

Abstract

This article aims to reflect the pedagogical practices of Physical Education in the Municipal Nursery teacher Eliana Freitas Moraes, focusing on the relationship of interdependence between the child and the adult. In the light of the theory of the civilizing process of Norbert Elias, we seek to identify the contributions of child physical education that focuses on shaping the conduct and behavior for social inclusion of the individual. Appropriated us psychomotor games and social rules as a mechanism that contributes to this process, understanding that is attributed to the school's role to regulate children's behavior to collective life.

Keywords: Physical Education. Child. Civilizing Process. Daycare.

1 Licenciada em Educação Física, Pós-graduada em Educação Infantil e Psicomotricidade, mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia.

2 Professor do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.

3 Licenciada, Doutora e Pós-Doutora em Educação Física, docente inativa UFAM, credenciada PPGSCA-ICHL-UFAM .

INTRODUÇÃO

Na teoria eliasiana, podemos constatar que cada ser ao nascer, ao ser inserido em um grupo social, necessita ser civilizado, pois controlar suas pulsões e emoções é no mínimo o que se espera do indivíduo para que seja bem visto socialmente. Moldar o comportamento é uma exigência do processo pela qual a sociedade passa no curso de sua história. Esse processo inicia na infância e acompanha o indivíduo ao longo de sua jornada. Portanto é no cotidiano que se constata o controle dos impulsos, como mostra-se nos argumentos de Le Boulch (1982, p.39),

A atitude das pessoas em relação à experiência da criança frente ao objeto é fundamental, porque condiciona a forma como a criança vive sua atividade corporal. [...] o meio humano deve fazer que a criança aceite certos limites na sua atividade e incitá-la a protelar certas experiências, não seja mais que por razão de segurança. A criança fará assim a experiência do “princípio da realidade”, origem da atividade de controle, a qual poderá influir sobre seus impulsos.

Atitudes individuais a favorecer a vida em grupo, sob o olhar da Teoria do Processo Civilizador, são aprendidas na tenra idade facilitando posteriormente a organização da sociedade. Apropriando-nos de jogos psicomotores buscamos fazer a criança entender as relações de dependência e interdependência inerentes à constituição de modos e comportamentos individuais e em sociedade. Os jogos trazem em si, a vivência de suas especificidades e regras de condutas exigidas para a boa convivência em grupo, sendo um mecanismo pedagógico utilizado como meio de compreensão das regras sociais. Vayer (1989, p.63) explica que,

Como a criança joga com os braços, pernas e todo corpo [...] ela trará conhecimento com o mundo exterior. Com o prosseguimento desse jogo, por ações cada vez mais diferenciadas, cada vez mais ajustadas, ele torna-se

consciência, depois organização do mundo em torno de si mesma.

São os jogos, um dos instrumentos das aulas de Educação Física utilizados para aquisição de habilidades – gerais e específicas – e conhecimentos. Por ser um recurso pedagógico para essa área de conhecimento, os jogos tem a capacidade de desenvolver não apenas qualidades e capacidades físicas, mas imbricados a eles a obtenção de valores morais e éticos que contribuem para a formação da personalidade da criança. Em suas práticas identificamos, isto é, sob o olhar da Teoria do Processo Civilizador, como a criança jogando interioriza constrangimentos e regras de condutas, a partir de coações externas, permitindo-lhe a convivência em grupo.

A teoria de Elias nos dá subsídios para compreender a relação indivíduo e sociedade, uma vez que as experiências vivenciadas desde a tenra idade por meio das coerções externas permitem a criança, aos poucos, ir regulando seu comportamento possibilitando ao autocontrole, onde se espera que ao longo dos anos se torne autocoerções, e desta forma passe a fazer parte da personalidade do indivíduo que se molda a partir de sua infância.

No intuito de ajudar nessa perspectiva teórica, analisamos a contribuição dos jogos psicomotores como prática pedagógica da Educação Física na Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes, onde buscamos identificar esse processo em diferentes momentos dentro da instituição, relatando algumas situações do cotidiano da creche e nas aulas de Educação Física.

A CRIANÇA E O MUNDO QUE A CERCA

A criança é um ser social que possui a necessidade de interagir com o meio que a cerca, ela é dotada, de qualidades naturais em potenciais



que a capacita para a aprendizagem, uma habilidade diferenciada inerente ao ser humano e Elias (2006, p. 21) afirma que “Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização”. É nessa interação com o outro que inicia o processo de internalização da conduta e atitudes vista como civilizada pela sociedade onde nasceu, por isso necessita ser guiada de acordo com tais regras sociais para ser bem vista no coletivo.

O comportamento deste novo indivíduo, de acordo com Le Boulch (1982), Vayer (1989), Oliveira (1997), Gallahue (2013) e Elias (1994a/b, 2006) irá se organizar conforme os estímulos recebidos sendo de grande valor o contato com as pessoas ao seu redor. A figura do outro se torna fundamental para a construção do seu próprio eu, pois o desenvolvimento da criança é contínuo e inicia ao nascer. Elias (1994a, p. 30) fala que “a criança não é apenas maleável ou adaptável em grau muito maior do que os adultos. Ela precisa ser adaptada pelo outro, precisa da sociedade para se tornar fisicamente adulta”.

Este desenvolvimento dependerá da quantidade de experiências vividas e experimentadas, isto é, no cotidiano, que segundo Gallahue (2013, p.195) “[...] experiências orientadas para o sucesso e reforço positivo são especialmente importantes nesses anos” e por meio destas experiências, iniciará o processo de equilíbrio emocional.

Posteriormente a criança desenvolverá a capacidade de relacionar seus desejos com as necessidades fundamentais, mas para isso ela precisa primeiramente se apoderar do movimento, isto é, se autocontrolar, que é fundamental na interação com o seu entorno, que para Le Boulch (1982, p.118) “A locomoção permitirá estender o campo de ação e ter acesso a novas descobertas com mais profundidade”.

Ao se deslocar no espaço, o movimento permite à criança o conhecimento do mundo no qual está inserida. Nesse período da vida é observado o infante explorar seu meio, descobrindo limites indo em busca

de superá-los, sendo o movimento essencial para as descobertas, aprendizagens e relações sociais, quer seja em casa ou nos mais variados espaços sociais. Enquanto criança corre, pula, rir de alegria ou chora de dor, porém conforme cresce, a fase de criancice socialmente aceito é gradativamente moldada para um comportamento mais sério, aos moldes do adulto que deverá ser. Esse é um processo que ocorre na relação adulto e criança e todo o meio social onde vive, que por meio das coações regula as atitudes infantis.

Na criança, com restrição a algumas deficiências, podemos perceber que a manifestação de movimento nasce consigo, porém ao longo da vida, de acordo com preceitos sociais, a duras penas vai aprendendo a contê-lo ao sofrer a influência das coerções externas. Pelo viés da teoria eliasiana, vamos ver que ao nascer, a criança se insere em grupos sociais e recebe intervenções de indivíduos de mais idades, quer seja familiares ou não, que vão ensinando a conter seus impulsos e desejos animais. No decorrer desse desenvolvimento a individualização vai se solidificando.

Na criança, não são apenas as ideias ou apenas o comportamento consciente que se veem constantemente formados e transformados nas relações com o outro e por meio delas; o mesmo acontece com suas tendências instintivas, seu comportamento controlado por instintos. (ELIAS 1994b, p.30)

Na teoria eliasiana, podemos observar que o corpo foi, é e será moldado ao longo da história. À criança é permitido alguns tipos de comportamento, mas à medida que cresce coerções externas vão sendo reguladoras desse comportamento se tornando auto-coerções que ajudam a criança alcançar o controle de suas pulsões e emoções. Por ser tão pequena e indefesa, a criança se encontra em uma relação de dependência muito grande com o adulto, mas não quer dizer que o adulto não seja dependente emocionalmente da criança, e é a partir dessa teia de relações interdependentes, ao trocar experiência com as pessoas de seu convívio



social, que há o desenvolvimento das competências, do saber, da apropriação da cultura e dos valores civilizatórios aos moldes ocidentais, sendo no momento da interação que a criança vai desenvolvendo atitudes vista como civilizada pelo meio social, direcionando seu comportamento.

Magda Sarat em seu artigo sobre “A Infância e a Formação Civilizada do Indivíduo em Nobert Elias” investiga sobre a formação do indivíduo e a organização social a partir da infância e da educação inicial. Sarat (2014, p.169) fala sobre “a necessidade de confiar imensamente na capacidade de aprender do indivíduo, nas formas de interação e na diversidade de processos de aprendizagem”. Todos esses aspectos ajudam a criança internalizar as regras sociais já existentes sendo alteradas conforme sua necessidade, ou seja, a assimilação das regras sociais predispõe a criança um senso de responsabilidade à necessidade de ter que segui-las caso contrário coerções externas, de diversas formas, serão sentidas por ela.

No cotidiano, conforme os estudos de Le Boulch (1982), se observa que apesar de a criança ter uma predisposição para se desenvolver, ela não dependem unicamente da maturação dos processos orgânicos, o “intercâmbio tem uma influência determinante na orientação do temperamento e da personalidade”, pois a aprendizagem depende das experiências vivenciadas pela criança, da interação com outras pessoas e estímulos recebidos do meio onde se encontra. Nessa interação a criança de forma integrada vai desenvolvendo a capacidade de responder a informações verbais como Pare! Pule! Não cuspa no chão! ou Coma de boca fechada!. Elias (1994, p. 30) afirma “Para se torna psiquicamente adulto, o indivíduo humano, a criança, não pode prescindir da relação com seres mais velhos e mais poderosos. Sem assimilação de modelos sociais previamente formados...”, essas exigências são fundamentais para o desenvolvimento da conduta e do autocontrole de uma criança.

A família por algum tempo foi o centro de modelagem da personalidade da criança, “é que a família vem a ser a única – ou, para ser

mais exata, a principal e dominante – instituição com função de instilar controle de impulsos” (ELIAS 1994a, p.142), uma vez que na figuração familiar de antigamente a mãe se dedicava exclusivamente a educação dos filhos enquanto o pai buscava o sustento, Le Boulch (1982, p.73) já afirmava “[...] esquema da família tradicional [...] era exclusivamente assegurado pela mãe [...] era elemento estável do lar porque consagrava todo seu tempo à educação de seus filhos”. Com a saída da mulher para o mercado de trabalho, o Estado por meio das instituições de ensino, passou a assumir o papel de orientador desse pequeno indivíduo que deve em um curto espaço de tempo se adaptar a um padrão social que a própria sociedade demorou séculos para desenvolver em um contínuo processo que não parou. De acordo com a perspectiva da Teoria do Processo Civilizador, desde a infância o indivíduo é orientado a controlar suas emoções e pulsões, para uma melhor inserção no convívio em sociedade, caso contrário seu ingresso no fluxo do processo social ocorre de modo doloroso e persuasivo. A criança precisa internalizar modos, comportamentos e padrões, para se adequar ao modelo das relações aceita como indivíduo civilizado, para que quando atinja a idade adulta seja considerado preparado a dar sua parcela de contribuição à sociedade a qual pertence.

O COTIDIANO DA CRECHE SOB O OLHAR DO PROCESSO CIVILIZADOR

Na atual configuração social e com as novas tendências da estrutura familiar, às crianças começaram a ingressar cada vez mais cedo na escola, passando a frequentá-la na tenra idade e se deparando com um novo meio social, que é maior do que até então conhecido por ela, à família, e mais complexos por ser composto com muitas personalidades diferentes da sua, uma vez que a atenção do adulto, no caso aqui o



profissional da área da Educação, carece ser distribuída com as demais crianças que também estão sob a responsabilidade da escola.

No curso desse processo vemos em Le Boulch (1982, p. 52), o argumento a esse respeito “[...] as condições atuais da vida social tem mudado as relações tradicionais mãe-filho. [...] é comum que a criança fique com a babá ou em uma creche.” Nesse espaço educacional, suas necessidades precisam se adequar a uma rotina para um melhor aproveitamento do tempo dentro da escolar. Por essa fase da vida em que se encontra o indivíduo, a noção espacial e temporal ainda não está solidificada, portanto cabe aos profissionais da instituição, ajudá-la a entender essa orientação estabelecendo tempo para cada atividade desenvolvida, “A ajuda educativa [...] tem a finalidade não de ensinar à criança comportamentos motores, mas sim de permitir-lhe, mediante o jogo, exercer sua função de ajustamento, individualmente ou com outras crianças.” (LE BOULCH 1982, p.129). Dessa forma não somente estaremos contribuindo para a criança se orientar no tempo como estaremos ajudando-a a se disciplinar de acordo com as exigências sociais.

O tempo, segundo Elias (1998), é uma construção simbólica que organiza a vida em sociedade, nesse sentido, vamos analisar uma pequena parte dessas nove horas que uma criança passa dentro do espaço creche. Após a chegada, a primeira atividade de rotina das crianças é o café da manhã, todas têm o mesmo tempo para se alimentar e tal alimentação não pode ser feita fora desse horário, em seguida todas as turmas, com exceção das crianças de um ano de idade, se direcionam para o banheiro onde são estimuladas a urinar e lavar as mãos. Este é o momento dado às necessidades básica da criança porque em seguida irão para a sala de referência iniciar as atividades pedagógicas, ou seja, a criança desde cedo é moldada a regular suas necessidades de acordo com o tempo que é dado ao grupo para realizar tal ação. Matos (2015, p.38) em seu livro “Ethos e

figurações na hinterlândia amazônica” ao abordar sobre o comportamento infantil individual no coletivo explica que

[...] de acordo com as concepções de quem a orienta, as regras sociais devem ser transmitidas, na perspectiva de que desde muito cedo tenha que controlar sua natureza, dentre eles os esfíncteres da bexiga, ânus e vagina. Em nossos dias, a criança de três anos, ao ir para a escola, deve ir liberta da fralda. Isso exige da criança um autocontrole, que não menos é vigiado pelos pais, professores e coleguinhas.

Nas turmas de dois anos há uma flexibilidade, pois a maioria se encontra usando fraldas e é nesta etapa que ocorre a transição da tirada de fralda para o uso do vaso sanitário dentro do estabelecimento creche. Podemos notar aqui as primeiras coerções e repressões dessa falta de controle fisiológico, a princípio pelo adulto quando induz a criança a pedir para fazer xixi no vaso sanitário mesmo que esteja usando fraldas, e depois pelas próprias crianças da turma que não usam mais a fralda e que repete as atitudes do adulto quando se volta para o colega e fala “tu ainda usa fralda? Eu não!”.

Para Sarat (2014, p.166) “teremos pressões internas e externas, que são representadas por processos de coerção psicológica e que mudam em diferentes direções e ritmos”, com isso a criança constrangida começa a se policiar tentando a cada dia se controlar para utilizar o banheiro como as demais crianças, é esse processo de interiorização dos constrangimentos que consente o aprendizado da vida em grupo, e é nesse esforço de controle tanto das necessidades básica como das demais necessidades exigida pela sociedade que aos poucos a geração vai ingressando no fluxo do processo social que o antecede. Sobre constrangimento Elias fala:

[...] a conduta e vida instintiva da criança são posta à força [...] Uma vez que a pressão e coação exercida por adultos individuais é aliada da pressão e exemplo de todo o mundo em volta, a maioria das crianças, quando crescem, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desgosto, são



moldados e obrigado a se conformar a certo padrão de pressão e compulsão externa. (1994, p.134)

Uma das estratégias utilizadas pelas professoras para ajudar a criança na compreensão desses padrões de constrangimento e autocontrole é o momento do brincar. Um exemplo é a brincadeira de faz-de-conta com bonecas, onde pudemos perceber pequenas intervenções do adulto reforçando as coerções psicológicas, ao falar para a criança levar a boneca para fazer xixi no vaso sanitário, que ela não precisa ou não pode mais usar fralda, Oliveira (1997, p.67) ao abordar o pensamento em Vygotsky fala que “No brinquedo a criança comporta-se de forma mais avançada do que nas atividades da vida real [...]” e nesse exemplo podemos perceber a ação do adulto em sua relação com a criança no processo de internalização das regras sociais, onde usando como mecanismo a brincadeira, busca regular a função fisiológica da criança, que depois projeta para sua própria realidade.

Nesta etapa da vida da criança, conforme a teoria eliasiana e os estudos de Vayer (1989), Le Boulch (1982) e Oliveira (1997) as relações interpessoais são essenciais porque “todo ser humano [...] deve de fato passar por um processo civilizador para atingir o padrão alcançado por sua sociedade no curso da história” (Elias, 1994a, p.15 rodapé), e todo indivíduo, no decorrer da vida, precisa vincular-se aos outros em uma teia humana de interdependência funcional, para que cada um exerça suas funções perante a sociedade em que vive.

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA CRECHE

A aprendizagem por meio do brincar é uma característica das aulas de Educação Física dentro da Creche Municipal Professora Eliana de Freitas Moraes, esta área de conhecimento possui uma relação direta com a criança por terem em comum o movimento como mediador do desenvolvimento infantil. O movimento se torna crucial nesses primeiros

anos da vida do ser humano por permitir a interação com o seu envolvimento, contribuindo para o desenvolvimento da personalidade, o caráter, a moral, o conhecimento do próprio corpo e o contexto social onde a criança se encontra inserida.

Nas aulas de Educação Física é utilizado frequentemente jogos psicomotores onde as crianças são estimuladas a jogar juntas e a brincar com o outro, partilhando situações de ganhar e de perder – autocontrole, controlar suas emoções – e na brincadeira é fundamental dominar a situação de frustração que são comuns no cotidiano, Le Boulch (1982, p.81) defende “[...] permitir à criança uma certa tolerância à frustração o que mais tarde permitirá, sem perturbar a personalidade, suportar a decepção, o fracasso, a insatisfação[...]”. Podemos observar que pelo brincar a criança aprende não somente expressar afetividade, mas também a controlar suas pulsões e emoções, isto é o autocontrole se compondo. Desta forma, a criança que brinca é moldada a ser mais flexível porque está em constante contato com diversas pessoas e isso é fundamental para as relações interpessoais. Na fase creche, um a três anos de idade, o deslocamento infantil está envolvido no processo de desenvolvimento e refinamento das habilidades psicomotoras, que servem como base para estágios posteriores do movimento, Gallahue (2013, p.80) explica que,

[...] os primeiros anos escolares oferecem uma excelente oportunidade para o desenvolvimento de habilidades do movimento fundamental até os níveis de proficiência. Essas mesmas habilidades fundamentais serão incrementadas e refinadas para formar as habilidades de movimento especializado, tão valiosas para as tarefas de recreação, competição e da vida diária.

As atividades locomotoras como correr e pular, manipulativa como arremessar e apanhar e estabilizadoras como as atividades de equilíbrio são exemplos de elementos que a Educação Física usa para a



modelagem do movimento, uma vez que cada atividade possui suas regras próprias onde são orientadas a serem seguidas.

Analisemos aqui o jogo popular do “Gato e o Rato”, realizada na turma de crianças de três anos de idade: uma das crianças é solicitada a ser o rato que irá ficar dentro de uma grande roda formada pelas demais crianças da turma e outra criança será o gato, o professor orienta o gato que está fora da roda a pegar o rato que está dentro. As crianças que formam a roda deve proteger o rato facilitando sua entrada e saída da roda enquanto ao mesmo tempo dificulta para o gato. Aqui as orientações a respeito do cuidado para não se machucarem é reforçada por ambas as professoras, tanto de Educação Física como pela professora da sala de referência. As crianças ao iniciarem a atividade pudemos notar que junto com elas surgem às emoções agregada ao entusiasmo envolvido pela brincadeira e suas regras, apresentando comportamentos diversificados. Algumas mesmo tendo sido reforçado o cuidado para não se machucarem, tentam usar perna para evitar que o “gato” saia ou entre na roda, nesse exato momento a professora intervém de modo coercivo o seu comportamento perante o grupo, advertindo que ao se repetir tal atitude a criança sofrerá a penalidade de não participar mais e ficar apenas assistindo os demais colegas. Notou-se que a criança passou a se policiar para não realizar novamente tal ação. Como sabemos Elias (1994a, p.14) fala que “o padrão de comportamento humano [...] muda muito gradualmente [...] muda lentamente a maneira como o indivíduo comporta-se e sente [...] Muda o padrão do que a sociedade exige e proíbe [...] move-se o patamar do desagrado e medo, socialmente instilados”. Nesse pequeno relato podemos identificar uma parte desse processo de moldagem do comportamento por meio do movimento da criança durante uma atividade dentro da aula de Educação Física, que em conjunto com os demais profissionais da creche exerce o papel importante para o processo de aprendizagens sociais.

Como podemos observar mecanismos de controle do comportamento infantil apresentado na Teoria do Processo Civilizador, se encontra presente nos diversos espaços da creche. As forças coercivas externas estão constantemente buscando regular as atitudes das crianças, com o que é aceito pela sociedade. A Educação Física escolar é uma área de conhecimento presente na creche que utiliza jogos psicomotores para ajudar a criança na compreensão das regras sociais, contribuindo para o desenvolvimento infantil, ajudando-a a ingressar no fluxo do processo social conforme os padrões já existentes.

Considerações Finais

A teoria de Norbert Elias por mais que tenham sido observada e construída ao longo do século passado, é tão atual que nos permite identificá-la no nosso cotidiano, seja na relação familiar, seja no ambiente de trabalho. Ao analisarmos tal teoria dentro do espaço creche, podemos verificar a grande responsabilidade que a instituição está exercendo na modelagem do comportamento deste indivíduo que precisa ser habilitado para o convívio social cada vez mais cedo, uma vez que com um ano de idade, um número crescente de crianças está saindo do seio da família e com isso precisa se adequar aos padrões socialmente aceitos para um melhor entendimento em grupo.

A Educação Física, de certo não é a maior ou a principal modeladora dessa ação civilizatória da criança, já que o fluxo do processo social segue independente de sua atuação, porém é uma área de conhecimento que utiliza jogos psicomotores como base e não há nada mais prazeroso para a criança que aprender brincando. Esses jogos trazem consigo um vasto repertório de oportunidade que possibilita a criança não apenas desenvolver suas habilidades motoras, cognitivas e afetivas, mas principalmente a relação interpessoal; e é nessa teia de relação humana que



se inicia a apropriação da cultura da qual se encontra inserida. O trabalho com crianças tão pequenas em um ambiente educacional é regido por padrões internalizados anteriormente pelo adulto, que na interação com a criança utiliza as coerções externas, que aos poucos vão se transformando em autocoerções e regulando os instintos infantis, contribuindo assim com o seu desenvolvimento civilizatório.

Referências

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador, vol. 1*, Tradução Ruy Jungman; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. – 2 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994a v.1

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Organizado por Michael Schorter; Tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica e notas: Renato Janine Ribeiro. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1994b.

ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública / Organização e apresentação: Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort; Tradução texto em inglês: Sérgio Benevides; texto em alemão: Antônio Carlos dos Santos; textos em holandês: João Carlos Pijnappel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.*

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo / Editado por Michael Michael Schorter; Tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica: Andrea Daher - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.*

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C.; GOODWAY, Jacqueline D. *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos/ Tradução: Denise Regina de Sales, 7ª edição, São Paulo: Artmed, 2013.*

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. *Ethos e Figurações na hinterlândia amazônica*. Manaus, Editora Valer/Fapeam, 2015.

SARAT, Magda et. al *Leituras de Nobert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras. – Maringá: Eduem, 2014, pág.157 à 173.*

LE BOULCH, Jean. *O desenvolvimento psicomotor: do nascimento até 6 anos*. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Vygotsky aprendizado e desenvolvimento: um processo socio-histórico* 4ª edição São Paulo: Scipione 1997.

VAYER, Pierre *O diálogo corporal: A ação educativa para a criança de 2 a 5 anos*. São Paulo: Manole, 1989.